

Congresso cético com alianças

MARCONDES SAMPAIO

Apesar das articulações em andamento, com vistas a novas alianças políticas no segundo turno, há grande ceticismo no Congresso quanto à eficácia desses acordos de cúpula e até dúvidas quanto ao engajamento do PDT na campanha do candidato da "Frente Brasil Popular", Luiz Inácio Lula da Silva. Tais dúvidas são baseadas, entre outras indicações, no comportamento de Leonel Brizola, que vem insistindo em apresentar condicionamentos à uma participação na "Frente", um dos quais considerado inaceitável por Lula: a substituição do seu vice, José Paulo Bisol.

Em Porto Alegre, sintomaticamente, o presidente do diretório regional do PDT, Mateus Schmidt, ameaçou "fechar as bases do partido ao PT" e declarou que "os fatos estão provando" que as bases vêm resistindo em apoiar Lula. Para reforçar essa afirmação, observou que pela manhã teve de deixar o telefone fora do gancho, "já que não para de receber telefonemas de todo o interior, onde os pedetistas diziam que não irão votar em Lula no segundo turno". "Todo o Rio Grande do Sul está numa posição de não querer votar no Lula" — afirmou Schmidt.

Considerado um dos responsáveis pelo bom desempenho que Leonel Brizola teve no Ceará, onde foi o segundo colocado, o deputado e ex-prefeito de Fortaleza, Lúcio Alcântara, disse ser difícil uma migração dos votos do PDT para Lula, por reconhecer que nenhum líder político tem mais a capacidade de transferir para terceiros o seu prestígio pessoal.

Na Bahia, o candidato à vice-presidência e ex-governador Waldir Pires está decidido a apoiar Lula, acreditando transferir para o candidato da Frente Brasil Popular cerca de 10% do eleitorado baiano, que ele teria assegurado a Ulysses.

Igualmente cético, o deputado maranhense, Jayme Santana, que foi um dos coordenadores da campanha do candidato do PSDB, Mário Covas, disse duvidar que a maioria dos eleitores que votaram em Covas venha a apoiar Lula, ressaltando que sua decisão em favor de Lula é inalterável.

Adesão fechada a Lula, a seu ver, só a do Partido Comunista Brasileiro, cujo candidato, Roberto Freire, obteve apenas 1,07% dos votos dados — menos de 800 mil.

Em meio a esse clima, o deputado pernambucano Osvaldo Lima Filho, do PMDB, mas que votou em Lula, afirma

que independentemente das alianças, a Frente Brasil Popular já demonstrou, no primeiro turno, ter peso eleitoral suficiente para enfrentar o candidato "das forças conservadoras", no segundo turno, em pé de igualdade.

Para Osvaldo Lima Filho, os debates entre Lula e Collor "mostrarão a inconsistência" do discurso do candidato do PRN e fará com que muitos dos seus eleitores no primeiro turno se passem para a candidatura da Frente Brasil Popular.

□ Para conseguir derrotar Collor, Lula terá de conquistar uma votação superior à obtida no primeiro turno, somados os seus próprios votos, com os do PDT, PSDB e PCB — menos de 32 milhões.

Além de parcelas do PSDB e PMDB, e do potencial que já demonstrou no primeiro turno (quase 22 milhões de votos), Fernando Collor tende a absorver a maioria dos votos recebidos pelo pedessista Paulo Maluf (5.974.537, contados 99,34% dos votos de todo o País), por Guilherme Afif, do PL, (3.180.889), Aureliano Chaves, do PFL (597.737), Ronaldo Caiado (486.726), Affonso Camargo (377.466) e outros candidatos de pequenos partidos.

Estratégia de Lula para o 2º turno

Prioridades

Execução

Política de Alianças

Apesar de não ter conseguido definir ainda que pontos programáticos poderá negociar para permitir possíveis alianças, acredita ser possível obter apoio do setor progressista do PMDB, do PSDB, do PDT e do PCB. Lula espera apenas um sinal de Brizola e Covas para iniciar o diálogo. Já está acertado, no entanto, que moratória da Dívida externa e reforma agrária são inegociáveis.

Programa Econômico

Os partidos que compõem a Frente Brasil Popular (PT - PC do B - PSB) se reúnem hoje para estudar quais serão as primeiras medidas econômicas do governo de Lula, que devem ser anunciadas pelo candidato em 48 horas. O objetivo é mostrar à opinião pública como o plano de governo da Frente será executado.

Mobilização Popular

A coordenação da campanha ainda não fez a agenda do candidato para os 20 dias de campanha do segundo turno. Mas já está definido que a mobilização popular deverá ser ampliada, não só pela adesão de outros partidos, como principalmente pelos 40 a 50 comícios que serão realizados nesta fase.

Programas do Horário Eleitoral Gratuito

A coordenação da campanha de Lula considera este um dos pontos principais da estratégia de campanha, mas ainda não definiu de que maneira o candidato utilizará o espaço.

Debates e Entrevistas

A executiva do PT concluiu que os debates terão um peso muito importante na segunda fase da eleição. Por isso, está analisando todos os debates dos quais Lula participou e também as entrevistas concedidas por Collor. Dessa análise pretendem detectar as falhas dos dois e encontrar uma fórmula que deixe Lula mais solto nos próximos debates.